ISSN: 2358-8829

A LITERATURA COMO ESPELHO DO HUMANO: O MITO DE ORFEU E A FORMAÇÃO DO LEITOR NO ENSINO BÁSICO

Ana Clara Pinheiro Santos Ataíde[1]
Fábio Rodrigues da Silva[2]

INTRODUÇÃO

Poucas narrativas da tradição ocidental foram tão revisitadas quanto a de Orfeu e Eurídice. Do poema ovidiano às releituras brasileiras, como o *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes, passando pelo cinema e pela canção popular, o enredo de um homem que desce ao reino dos mortos para recuperar a esposa e a perde ao olhar para trás continua a falar a leitores que jamais acreditaram em Hades. Isso nos leva a considerar que o mito, mais que registro de crenças antigas, funciona como modo de pensar experiências que não se esgotam no tempo em que foram contadas, como o amor, a perda, a morte, a culpa e o poder da arte, bem como o limite que ela encontra.

Essa capacidade de reverberação interessa diretamente ao ensino de literatura, sobretudo no Ensino Básico, em que é comum que o texto literário apareça reduzido a pretexto, seja para a análise gramatical, para a periodização ou para o resumo de enredo, e que a leitura simbólica, que exige tempo e mediação, seja preterida. Entendemos que as narrativas míticas, por sua dimensão simbólica, por sua estrutura narrativa enxuta e pela familiaridade que muitos estudantes já possuem com seus personagens e expressões, constituem um caminho produtivo para recolocar a interpretação no centro da aula de literatura.

Para tanto, estabelecemos como pergunta norteadora: de que maneiras a versão ovidiana do mito de Orfeu (Ov., *Met*. X, 1-85) representa tensões da condição humana e como essa leitura pode contribuir para a formação do leitor literário no Ensino Básico? Como objetivo geral, intentamos analisar o mito de Orfeu como forma de representação

[1] Graduanda pelo Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba – Campus Sede, anaclarapsataide@gmail.com
[2] Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande – PPGLE/UFCG, fabiorodrigsilva@gmail.com

ISSN: 2358-8829

da experiência humana e de construção simbólica de valores, crenças e estruturas culturais da sociedade romana, e para tanto estabelecemos como percurso: a) conceber o texto mítico como representação narrativa de aspectos sociais e existenciais; b) analisar, na catábase e na perda de Eurídice, os temas do amor, da perda, do poder da arte, dos limites humanos e do livre-arbítrio; e c) discutir as implicações dessa leitura para a formação humanística do estudante.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de oferecer ao professor de literatura um percurso de leitura que não trate o mito como curiosidade do passado, mas como texto que ainda tem algo a dizer sobre quem somos. A abordagem é qualitativa, de cunho bibliográfico e interpretativo, e articula as contribuições de Candido (2006) sobre literatura e sociedade, de Lima (2014) sobre a mímesis, de Barthes (2009) e Eliade (2011) sobre o mito, e de Brandão (2012) e Vernant (2006) sobre sua dimensão coletiva e cultural. Os resultados indicam que o episódio ovidiano, ao encenar o amor que move e ao mesmo tempo compromete a ação, o canto que comove sem revogar o destino e o gesto que oscila entre a escolha e a compulsão, oferece matéria rica para uma leitura simbólica e ética, concluindo-se que o trabalho com a narrativa de Orfeu é uma estratégia produtiva para o ensino de leitura literária.

METODOLOGIA

A pesquisa classifica-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa. O corpus de análise é o trecho inicial do livro X das *Metamorfoses*, de Ovídio (Ov., *Met.* X, 1-85), lido na edição bilíngue de Domingos Lucas Dias (Ovídio, 2017), cujas traduções adotamos ao longo do texto; o original latino foi consultado nos momentos em que a análise dependia da escolha lexical do poeta, e as citações em latim seguem a grafia dessa edição.

O percurso metodológico se organizou em quatro etapas: a) leitura e fichamento da fundamentação teórica; b) leitura integral do trecho e sua segmentação em episódios (o casamento malogrado e a morte de Eurídice, a catábase e o discurso de Orfeu, o efeito do canto, a condição imposta e a segunda perda, o luto e o epílogo); c) identificação de categorias analíticas recorrentes, a saber, amor e perda, poder da arte, limites humanos e livre-arbítrio, culpa e responsabilidade, mito e instituição cultural; e d) relação dessas categorias com possibilidades de mediação de leitura no Ensino

ISSN: 2358-8829

Básico. Por se tratar de pesquisa bibliográfica e documental, sem coleta de dados com seres humanos, não demandou apreciação por comitê de ética. A discussão desenvolvida fundamenta uma proposta de trabalho com o mito de Orfeu e Eurídice, cuja viabilidade pedagógica ainda precisa ser examinada em contexto efetivo de ensino.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partimos da compreensão de que a literatura é um fato social, mas não um mero documento dele. Para Candido (2006), a integridade de uma obra só pode ser entendida

> fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (Candido, 2006, p. 13).

Cabe ao ensino de literatura, nessa perspectiva, determinar o estatuto de representação que o texto assume, isto é, de que modo valores, crenças e estruturas de uma sociedade aparecem diluídos na forma do texto e não apenas como assunto. Esse exercício se apoia no conceito de mimesis, compreendido a partir da tradição aristotélica (Aristóteles, 2004) em que imitar é atividade própria do humano e fonte de conhecimento, e não cópia passiva do real. Lima (2014) a descreve como produtora de semelhança, que resulta no mímema, a própria obra, e como "uma rua de mão dupla", pois não apenas recebe o que vem da realidade, mas é capaz de modificar a própria visão que dela temos (Lima, 2014, p. 27). Para o leitor em formação, isso significa que reconhecer-se na história de Orfeu não é identificar fatos, mas perceber analogias entre a cena particular da obra e a experiência geral que ela ilumina.

O mito, por sua vez, segundo Barthes (2009), é um modo de significação, isto é, um sistema que toma um sentido já constituído e o converte em forma de uma nova significação. Eliade (2011) acrescenta a estrutura do sagrado ao afirmar que

> o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento:

> uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (Eliade, 2011, p. 9).

Brandão (2012) pontua que o mito, por não possuir outro fim senão a si próprio, é "aparentado à arte, em todas as suas criações" (Brandão, 2012, p. 13-14), e Vernant (2006, p. 16) o compreende como "uma verdadeira instituição que serve de memória social". Tomadas em conjunto, essas contribuições permitem ler a narrativa mítica como espaço em que realidade e ficção se articulam, e em que o coletivo se narra a si mesmo.

Quanto à formação do leitor, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) reconhece o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura e propõe práticas de leitura que mobilizem a fruição e o senso estético. É nesse horizonte que situamos a leitura do mito, não como conteúdo a ser memorizado, mas como experiência de interpretação que, ao exigir do estudante a leitura simbólica e crítica, contribui para sua formação humanística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presságio e a perda

O mito se abre com um casamento que já nasce marcado. Himeneu, deus das núpcias, atende ao chamado de Orfeu, mas comparece "sem palavras solenes, sem alegria no rosto e sem augúrio favorável" (Ov., *Met*. X, 4-5), e até o facho nupcial, que deveria iluminar, crepita com fumo que provoca lágrimas, sem que se veja chama (Ov., *Met*. X, 6-7). O poeta resume a lógica da cena em um verso: *exitus auspicio grauior* (Ov., *Met.* X, 8), o desfecho foi pior que o presságio. Aqui, o social atua como estrutura, pois o rito matrimonial, convenção reconhecível pelo leitor romano, funciona como signo narrativo, e é a sua falha que anuncia a tragédia. É o movimento de interiorização do externo de que fala Candido (2006).

A morte de Eurídice, por sua vez, é narrada sem culpa e sem motivo e ela é descrita acompanhada das Náiades, recém-casada e passeando na relva quando é picada por uma víbora (Ov., *Met*. X, 8-10). Diferentemente de outros episódios das *Metamorfoses*, nos quais a transformação ou a morte têm função de castigo, o acaso é o que predomina. A perda, portanto, surge em sua forma mais comum e mais difícil de aceitar, sendo súbita, imerecida e irreversível.

ISSN: 2358-8829

A catábase e o poder da arte

Orfeu não aceita a perda e "ousa descer ao Estige pela porta do Tênaro" (Ov., *Met*. X, 12-13), atravessando os mortos até Perséfone e o senhor das Sombras. O particípio *ausus,* de *audeo* (ousar), já sinaliza a transgressão tornando a catábase (a descida ao Hades) uma travessia de um limite que, em princípio, não se atravessa vivo. Mas o herói aqui não é um guerreiro, é um cantor e seu discurso nega expressamente os propósitos que a tradição heroica poderia sugerir, pois não desceu "para contemplar o tenebroso Tártaro, nem para amarrar as três gargantas eriçadas de cobras do monstro, o filho da Medusa", isto é, Cérbero (Ov., *Met*. X, 20-22). A partir disso, a força cede lugar à palavra, e a lira é a única arma.

O discurso de Orfeu é, portanto, também um objeto de análise e começa pedindo licença para "dizer a verdade" sem os "rodeios de um discurso mentiroso" (*falsi positis ambagibus oris*, *uera loqui sinitis*, Ov., *Met*. X, 19-20). Em seguida, declara ser sua esposa a causa da viagem, *causa uiae est coniunx* (Ov., *Met*. X, 23), admite que tentou suportar a perda e confessa a derrota: *uicit Amor* (Ov., *Met*. X, 26), o amor venceu. O Amor aparece como força personificada, capaz de levar o poeta onde nenhum vivo deveria estar, e é com base nessa mesma força que ele constrói o argumento central de que se não for fábula a história do antigo rapto, também o Amor uniu Plutão e Perséfone (Ov., *Met*. X, 28-29).

O pedido é formulado em vocabulário jurídico e econômico, como se observa *em omnia debemur uobis* (Ov., *Met*. X, 32), "todos nós somos devidos a vós"; em *iuris erit uestri* (Ov., *Met*. X, 37), que indica que Eurídice, ao cumprir seus anos, "estará sob vosso direito"; e em *pro munere poscimus usum* (Ov., *Met*. X, 37), no qual Orfeu pede "o uso em vez de um presente". Esse vocabulário situa a súplica no campo das relações jurídicas, ao representar a morte como credora e o pedido de Orfeu como uma negociação de prazo, por meio da qual o herói reivindica o retorno temporário de Eurídice ao mundo dos vivos.

Ademais, o efeito transformador do canto de Orfeu é descrito com intensidade, pois as sombras exangues choram, Tântalo deixa de perseguir a água, a roda de Ixíon para, as aves cessam de devorar o fígado, as Danaides repousam, Sísifo se senta na pedra, e as Eumênides, *tunc primum* (Ov., *Met*. X, 45), pela primeira vez, têm as faces

ISSN: 2358-8829

molhadas de lágrimas. Se, como lemos em Lima (2014), a mímesis é "rua de mão dupla", o episódio a dramatiza em seu limite, já que a obra, aqui um canto dentro de um poema, modifica, por um momento, a própria ordem do mundo.

A lei, o olhar e o livre-arbítrio

Eurídice é chamada e avança lentamente por causa da ferida, e Orfeu a recebe junto com a determinação de "não olhar para trás, enquanto não deixasse os vales do Averno, ou ficaria o favor sem efeito" (Ov., *Met.* X, 50-52). Os dois seguem em profundo silêncio por uma vereda íngreme, escura e envolta em neblina (*muta silentia*, Ov., *Met.* X, 53). É nesse momento, quando o retorno parece prestes a se concretizar, que Orfeu, movido pelo amor, pelo receio de que Eurídice desfaleça e pelo desejo de vê-la, volta o olhar (Ov., *Met.* X, 55-57).

Mediante isso, a motivação do gesto é central para a interpretação da cena, pois Ovídio associa a ação de Orfeu ao medo (*metuens*), ao desejo de ver (*auidusque uidendi*) e ao amor (*amans*) (Ov., *Met.* X, 56-57), tornando a transgressão compreensível sem eliminar a responsabilidade da personagem. O mesmo Amor que o levou a descer ao mundo dos mortos impulsiona o gesto que compromete a recuperação de Eurídice, de modo que o olhar expressa a tensão entre o desejo de confirmar a presença da amada e a necessidade de respeitar a condição que permitiria seu retorno.

A construção formal da passagem reforça essa tensão, já que no instante em que Eurídice desaparece, Ovídio escreve *prendique et prendere certans* (Ov., *Met.* X, 58), construção que a tradução recupera em "lutando por que a agarrem e por ela se agarrar". A combinação das formas passiva e ativa de *prendere* expressa o esforço simultâneo de agarrar e ser agarrada, conferindo forma sintática à reciprocidade do gesto, que, entretanto, não se concretiza, pois Orfeu alcança apenas "a inconsistência do ar" (Ov., *Met.* X, 58-59). Desse modo, a organização da linguagem participa da produção do sentido, articulada com a perspectiva de Candido (2006) sobre a integração entre forma literária e significado.

Em consonância, a passagem permite discutir a responsabilidade de Orfeu, desde que a questão seja formulada com cautela para evitar o anacronismo associado ao conceito de livre-arbítrio em seu sentido filosófico e teológico específico. Em termos mais amplos, o episódio coloca em tensão a condição imposta pelos soberanos do

ISSN: 2358-8829

mundo dos mortos, a ação do destino e a decisão da personagem, que conhece a proibição, mas cede ao medo de perder Eurídice e ao desejo de vê-la. Embora essas circunstâncias tornem sua atitude humanamente compreensível, elas não eliminam as consequências de sua escolha, o que permite questionar se Orfeu poderia ter agido de outra maneira e em que medida o medo e o desejo atenuam sua responsabilidade ou apenas explicam sua conduta.

Isto posto, a reação de Eurídice acentua a dimensão trágica do episódio, pois ela não acusa o marido e pergunta "de que haveria ela de se queixar senão de ser amada?" (Ov., *Met.* X, 60-61), antes de lhe dirigir o último adeus, que mal chega aos seus ouvidos (Ov., *Met.* X, 62).

Luto, culpa e a fronteira do humano

Diante da segunda morte, Orfeu fica "tão transido" quanto o homem que viu as três cabeças do cão do Estige e cujo pavor só passou quando seu corpo se tornou pedra, quanto Óleno, que quis tomar para si o crime, e quanto Leteia, confiada em sua beleza, ambos transformados em pedras do monte Ida (Ov., *Met*. X, 64-71). Em um poema dedicado às metamorfoses, Orfeu não se transforma fisicamente, mas é medido por uma série de transformações; a petrificação funciona como imagem do luto, no qual o sujeito permanece, mas imóvel.

O barqueiro recusa nova travessia, e Orfeu fica sete dias na margem, sujo e privado dos dons de Ceres; segundo o texto, "foram seu alimento o amor, a dor da alma e as lágrimas" (Ov., *Met*. X, 73-75) e acusando de crueldade os deuses do Érebo, ele se refugia no Ródope e no Hemo, batidos pelos ventos do norte (Ov., *Met*. X, 76-77). Vale destacar que ambas as montanhas haviam sido transformadas por terem desafiado os deuses (Ovídio, 2017, p. 531, nota 10), logo o espaço do refúgio é, também ele, memória de um limite humano que foi tensionado. A acusação aos deuses, aliás, contrasta com o início da catábase, em que os mesmos deuses se deixaram comover e o episódio mostra que a arte pode abrandar a lei, mas não a abolir.

O epílogo e a origem de uma prática

Passados três anos, Orfeu recusa toda relação amorosa com mulheres, "seja

ISSN: 2358-8829

porque lhe havia corrido mal, seja porque tinha comprometido a sua palavra" (Ov., *Met*. X, 78-81); muitas o desejavam, e a muitas a rejeição fez sofrer. O trecho se encerra com uma frase de natureza etiológica, revelando que foi Orfeu quem ensinou os povos da Trácia a transferirem seu amor para rapazinhos e a acolherem da vida a curta primavera que precede a juventude (Ov., *Met*. X, 83-85), o que dialoga com o que Eliade (2011, p. 9) descreve o mito sendo a narrativa de como surgiu "um comportamento humano, uma instituição". O mito liga, assim, o enredo individual de amor e perda a uma prática cultural, que o texto atribui a um povo estrangeiro e a um poeta lendário, e prepara o restante do livro X, dedicado aos amores de jovens.

Trata-se de passagem que exige mediação cuidadosa no Ensino Básico, adequada à faixa etária e livre de anacronismos, pois as concepções antigas de sexualidade e de relação entre homens e jovens diferem categoricamente das contemporâneas. Por outro lado, ela oferece oportunidade de discutir o caráter historicamente situado dos costumes e das formas de afeto, em uma perspectiva de respeito à diversidade.

Implicações para a formação do leitor

A análise permite sistematizar eixos de leitura que podem orientar a mediação docente. O Quadro 1 relaciona as categorias identificadas aos versos que as sustentam, à sua leitura simbólica e a possibilidades de trabalho em sala, tanto nos anos finais do Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, com as adaptações necessárias.

Quadro 1 – Eixos de leitura do mito de Orfeu e possibilidades de mediação

Eixo temático	Versos	Leitura simbólica	Possibilidade de mediação
Amor e perda	1-10; 57-63	O casamento malogrado e a morte súbita expõem a fragilidade dos vínculos e a irreversibilidade da perda.	Roda de conversa sobre sinais, acaso e luto, com registro escrito das impressões iniciais dos estudantes.
Poder da arte	15-49	O canto comove os mortos e suspende castigos, mas não revoga a lei do destino.	Leitura em voz alta do discurso de Orfeu e comparação com canções e poemas em que a arte move o ouvinte.

Limites e livre-arbítrio	50-63	A proibição de olhar para trás coloca em tensão a regra imposta e a decisão da personagem.	Debate regrado sobre "Orfeu era culpado?", com defesa das posições a partir do texto.
Culpa e responsabilidade	64-77	A comparação com Óleno e Leteia e o luto de sete dias mostram modos distintos de lidar com a culpa e a dor.	Produção textual: a mesma cena narrada por Eurídice, pelo barqueiro ou por uma das sombras.
Mito e cultura	78-85	A origem atribuída a uma prática dos trácios mostra como o mito explica instituições.	Discussão mediada sobre o caráter historicamente situado dos costumes, com atenção à faixa etária.

Fonte: elaborado pelos autores, a partir de Ov., *Met*. X, 1-85.

Esses eixos articulam a fundamentação teórica ao trabalho pedagógico com o mito de Orfeu, a começar pelo reconhecimento mimético. Se, para Lima (2014, p. 24), "a mímesis supõe a correspondência entre uma cena primeira, orientadora e geral, e uma cena segunda, particularizada numa obra", a leitura do episódio pode conduzir o estudante da cena particular, marcada pelo casamento interrompido, pela descida ao mundo dos mortos e pelo olhar fatal, às experiências de perda, desejo e erro que a narrativa põe em questão. Essa relação exige preservar a especificidade do texto, sem convertê-lo em mero pretexto para relatos pessoais ou reduzi-lo a uma lição moral. Como o episódio apresenta um conflito sem oferecer uma resposta definitiva, cabe ao mediador orientar a interpretação sem antecipar uma solução para o problema narrado.

A atenção à especificidade do texto também orienta a relação entre literatura e contexto, uma vez que, em Candido (2006), o elemento social participa da constituição da estrutura literária, enquanto a sociologia ocupa o lugar de "disciplina auxiliar". No ensino, essa perspectiva implica mobilizar informações históricas e culturais conforme as necessidades da leitura. O rito nupcial, o vocabulário da dívida e a origem trácia atribuída a Orfeu podem esclarecer aspectos da narrativa, desde que sua abordagem parta de elementos identificáveis nos próprios versos.

Por sua vez, a relação entre as escolhas formais e as referências culturais contribui, ainda, para compreender o mito como forma de significação e transmissão cultural. A concepção barthesiana do mito como modo de significação (Barthes, 2009) oferece subsídios para investigar como a expressão "olhar para trás" adquire sentidos que ultrapassam o episódio de Orfeu e passa a evocar, em outros contextos, o

ISSN: 2358-8829

arrependimento e a relação com o passado. A estrutura do sagrado, discutida por Eliade (2011), contribui para compreender a catábase como travessia de um espaço regido por regras próprias, como a proibição de olhar para trás, enquanto a comparação entre diferentes versões da narrativa favorece o exame de como a descida ao mundo dos mortos, a condição imposta a Orfeu, o olhar e a perda são retomados e transformados conforme as personagens, os cenários e os desfechos de cada versão. A análise de releituras como Orfeu da Conceição também evidencia essas permanências e transformações, articulando-as à concepção de Vernant (2006) da mitologia como memória social continuamente reelaborada.

A oralidade e a recepção também orientam a mediação, pois como o episódio atribui ao canto de Orfeu a capacidade de comover até mesmo os habitantes do mundo dos mortos, a leitura em voz alta, individual ou coletiva, pode favorecer a percepção dos efeitos sonoros e expressivos do discurso.

Isto posto, a exploração dessas diferentes possibilidades de leitura converge para a formação do leitor, cuja dimensão humanística encontra respaldo na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que reconhece o potencial humanizador da experiência literária. Ao confrontar leituras divergentes, o estudante desenvolve a capacidade de argumentar, reconhecer a complexidade das experiências representadas e rever suas próprias interpretações. A formação humanística articula-se, desse modo, à formação do leitor crítico, enquanto o professor atua como mediador de uma leitura que relaciona a especificidade da narrativa às experiências humanas que ela permite problematizar.

As atividades do Quadro 1 traduzem essas possibilidades em práticas de leitura e de escrita. A roda de conversa sobre sinais, acaso e luto parte da cena particular do casamento malogrado para que o estudante a relacione a experiências gerais de perda, no movimento descrito por Lima (2014), e o registro escrito das primeiras impressões, retomado ao final, permite perceber como sua leitura se transformou. A leitura em voz alta do discurso de Orfeu, com a comparação com canções e poemas em que a arte move o ouvinte, evidencia que o canto comove os mortos e suspende castigos, mas não revoga a lei do destino, o que leva o estudante a ler o poder da arte como representação, e não como solução para todos os conflitos.

O debate regrado sobre a culpa de Orfeu mobiliza a tensão entre a regra imposta e a decisão da personagem e exige que cada posição se sustente nos versos (Ov., *Met*. X,

ISSN: 2358-8829

50-52; 56-57), deslocando a discussão do juízo pessoal para a argumentação com base no texto. A produção textual, em que a mesma cena é narrada por Eurídice, pelo barqueiro ou por uma das sombras, leva o estudante a produzir um novo ponto de vista do mito a partir de vozes que o texto silencia ou apenas esboça, configurando-se como parte direta da reverberação do mito. Por fim, a discussão sobre a prática atribuída aos trácios (Ov., *Met*. X, 83-85) relaciona o mito à explicação de instituições, nos termos de Eliade (2011), e mostra que costumes e afetos são historicamente situados, desde que o trabalho seja adequado à faixa etária e evite anacronismos.

Essas possibilidades podem orientar um percurso didático organizado em quatro momentos. O primeiro compreende a leitura dos versos iniciais (Ov., *Met*. X, 1-10) e o levantamento das impressões dos estudantes sobre os sinais do casamento e a morte de Eurídice, antes da apresentação de informações contextuais que possam direcionar suas interpretações. O segundo propõe a leitura em voz alta do discurso de Orfeu (Ov., *Met*. X, 17-39). O terceiro concentra-se na condição imposta a Orfeu e no olhar que provoca a perda definitiva de Eurídice (Ov., *Met.* X, 50-63), articulando a discussão sobre os limites da ação da personagem à produção de uma narrativa da cena sob outra perspectiva. O quarto consiste na comparação com uma releitura do mito, a fim de identificar permanências e transformações na construção narrativa. A avaliação considera a capacidade de fundamentar interpretações em elementos textuais, analisar os usos simbólicos da linguagem e dialogar com perspectivas divergentes, em vez de privilegiar uma resposta única sobre as ações de Orfeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e análise do mito de Orfeu, trecho inicial do livro X das *Metamorfoses,* permitiram reconhecer uma forma de representação da experiência humana em que o amor, a perda, o poder da arte e os limites do humano se articulam em episódios de grande densidade simbólica. O casamento marcado pelo mau presságio, a catábase movida pelo Amor, o discurso que emprega o vocabulário da dívida e do direito, o canto que comove as sombras sem revogar o destino, o olhar que oscila entre a escolha e a compulsão e o luto que culmina na origem etiológica de uma prática cultural mostram como o social se interioriza na estrutura do texto, em consonância com Candido (2006), e como o jogo mimético, na perspectiva de Lima (2014), recria a realidade sem copiá-la.

Para o ensino de literatura no Ensino Básico, os resultados indicam que o mito de Orfeu é uma estratégia produtiva de formação do leitor, por mobilizar a interpretação simbólica e a leitura crítica e por levantar questões éticas que dialogam com a vivência dos estudantes. Reconhecemos, contudo, os limites do estudo: trata-se de pesquisa bibliográfica e interpretativa, e os eixos de mediação sugeridos carecem de aplicação e avaliação em contextos escolares reais. Apontamos como desdobramentos a elaboração de sequências didáticas a partir desses eixos, a comparação entre a versão ovidiana e releituras brasileiras do mito e a investigação do modo como os estudantes se apropriam da narrativa. Não intentamos findar a discussão, apenas reiterar que a literatura, quando lida como espelho do humano, ainda forma leitores.

Palavras-chave: Orfeu; Ovídio; Mito; Literatura e sociedade; Leitura literária.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino; Pedro de Souza; Rejane Janowitzer. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. I. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 27 out. 2026.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LIMA, Luiz Costa. **Mímesis**: desafio ao pensamento. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias; apresentação de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.